

As aves em revista

pardela

REVISTA DA SOCIEDADE PORTUGUESA PARA O ESTUDO DAS AVES
NÚMERO 66 | PRIMAVERA/VERÃO 2023 | SEMESTRAL | GRATUITA

Conservação

PROTEGER JÁ NÃO CHEGA

P.21

Restauro de Natureza

3 ECOSISTEMAS QUE
A LEI PODE SALVAR

P.26

Pombos da Macaronésia

UMA QUESTÃO DE ATITUDE

P.17



Sociedade Portuguesa
para o Estudo das Aves

XI Congresso de Ornitologia da SPEA & II Jornadas Macaronésicas de Ornitologia

22—26 NOV 2023

Universidade dos Açores
PONTA DELGADA, AÇORES



Prazo para submissão
de propostas
14 de julho 2023

Ilustração de *Pyrrhula murina* © Juan Varela

PARA MAIS INFORMAÇÕES VISITE
www.congresso.spea.pt

PROMOTORES



UAc
UNIVERSIDADE
DOS AÇORES



ÍNDICE

- 04 **Editorial**
 - 05 **Breves**
 - 08 **Descobertas**
Novidades do mundo da ciência
 - 10 **Guiné-Bissau**
África em miniatura
 - 12 **Entrevista**
O mistério do mocho-do-príncipe
 - 14 **Agir**
Exija uma Lei de Restauro de Natureza forte
 - 16 **Cabo Verde**
Calhandras-do-raso continuam a prosperar
 - 17 **Pombos da macaronésia**
Uma questão de atitude
 - 21 **Restauro da Natureza**
Proteger já não chega
 - 26 **Sustentabilidade**
3 ecossistemas que 1 Lei de Restauro de Natureza forte pode salvar
 - 30 **Testemunho**
"Não quero ficar a ver o mundo da janela"
 - 32 **Birdwatching**
3 sítios secretos para ver aves na região de Lisboa
 - 35 **Identificação de aves**
Escrevedeiras - parte II
 - 36 **A SPEA responde**
 - 37 **Juvenis**
-

GUINÉ-BISSAU
África em miniatura

10



© Miguel Luccoq

ENTREVISTA
O mistério do mocho-
-do-príncipe

12



© Maritim Melo



© Fabio Marcelino

RESTAURO DE NATUREZA
3 ecossistemas que
a Lei pode salvar

26



© C.M. de Alenquer

REGIÃO DE LISBOA
3 sítios secretos para ver aves

32



Domingos Leitão
DIRETOR EXECUTIVO DA SPEA

Uma luta de todos *Everyone's fight*

Há 30 anos, perante o declínio catastrófico de dezenas de espécies, a União Europeia tomou ações decisivas: passou as Diretivas Aves e Habitats, impondo obrigações legais aos Estados Membros que salvaram espécies da extinção e culminaram na maior rede de áreas protegidas do mundo. Agora, perante as crises climática e da biodiversidade, é imperativo que os eurodeputados voltem a estar à altura, e aprovelem a Lei de Restauro da Natureza.

Esta é uma oportunidade de prevenir catástrofes, enfrentar as alterações climáticas, e ter ganhos de biliões de euros – mas só se conseguirmos que os nossos políticos olhem para lá do lucro imediato, e vejam o retorno a longo-prazo (página 21). Da Laurissilva dos Açores ao sável do Mondego, há provas que, com uma pequena ajuda, a Natureza consegue fazer recuperações notáveis (página 26). Como cidadãos, cabe-nos exigir políticas conscientes, em que sustentabilidade não seja só a palavra do dia (página 6). Contamos consigo.

30 years ago, faced with the catastrophic decline of dozens of species, the European Union took decisive action: implementing the Birds and Habitats Directives, imposing legally binding targets on Member States which saved species from extinction and culminating in the world's largest network of protected areas. Now, faced with the climate and biodiversity crises, it is imperative that members of the European Parliament rise to the occasion once more, and approve the Nature Restoration Law.

This is an opportunity to prevent catastrophes, face climate change, and reap billions of euros' worth of benefits - but only if we can get our politicians to look beyond immediate profit and see the long-term returns (page 21). From the Azores laurel forest to the lampreys in the Mondego, there is proof that, with a little help, Nature can make astounding recoveries (page 26). As citizens, it is up to us to demand conscientious policies, where sustainability isn't just the word of the day (page 6). We're counting on you.

pardela

FICHA TÉCNICA

PARDELA N.º 66 | PRIMAVERA / VERÃO 2023

DIRETORA: Joana Domingues | joana.domingues@spea.pt

COMISSÃO EDITORIAL: Hany Alonso, Hugo Sampaio, Joana Domingues, Mónica Costa e Sonia Neves

FOTOGRAFIA DE CAPA:

Serra da Tronqueira © Joaquim Teodósio

ILUSTRAÇÕES: Frederico Arruda, Juan Varela e Mike Langman (www.rspb-images.com)

PAGINAÇÃO E GRAFISMO: Frederico Arruda

IMPRESSÃO: Grafisol - Rua das Maçarocas - Abrunheira Business Center nº03, Abrunheira 2710-056 Sintra

TIRAGEM: 1000 exemplares e digital

PERIODICIDADE: Semestral

ISSN: 0873-1124

DEPÓSITO LEGAL: 189 332/02

REGISTO DE PUBLICAÇÃO PERIÓDICA: n.º 127 000

ESTATUTO EDITORIAL:

Disponível em www.spea.pt/pt/publicacoes/pardela

Os artigos assinados exprimem a opinião dos seus autores e não necessariamente a da SPEA. A fotografia de aves, nomeadamente em locais de reprodução, comporta algum risco de perturbação das mesmas, tendo os autores das fotos utilizadas nesta publicação tomado as precauções necessárias para a minimizar.

A SPEA agradece a todos os que gentilmente colaboraram com textos, fotografias e ilustrações.

PROPRIEDADE / EDITOR / REDAÇÃO:

Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA). Pessoa coletiva n.º 503091707. Instituição de Utilidade Pública.

CONTACTOS:

Av. Almirante Gago Coutinho 46A, 1700-031 Lisboa
Tel. +351 213 220 430 | Fax. +351 213 220 439
spea@spea.pt | www.spea.pt



Presidente: Graça Lima
Vice-presidente: Paulo Travassos
Tesoureiro: Peter Penning
Vogais: Alexandre Leitão e Martim Melo

A SPEA é uma organização não governamental de ambiente, sem fins lucrativos, que tem como missão o estudo e a conservação das aves e dos seus habitats em Portugal, promovendo um desenvolvimento que garanta a viabilidade do património natural para usufruto das gerações vindouras.



Faz parte da BirdLife International, organização internacional que atua em mais de 100 países. É instituição de utilidade pública e depende do apoio dos sócios e de diversas entidades para concretizar a sua missão.

Esta publicação foi impressa em papel Arena White Smooth com certificação FSC, a marca da gestão florestal responsável.

Deserta livre de invasoras



© Ana Almeida

No início deste ano, a equipa LIFE Ilhas Barreira finalizou a remoção das plantas invasoras da Ilha Deserta, no Algarve. Ao todo, desde 2020 na Deserta e na Culatra foram 1,6ha de invasoras removidas, num esforço que envolveu 776 horas de trabalho por parte de 516 pessoas incluindo staff, voluntários e estudantes.

A par da remoção de plantas invasoras, a equipa realizou também sementeiras de plantas nativas, para

ajudar a que as Ilhas Barreira recuperem o seu estado natural e mantenham a resiliência face às alterações climáticas. Como parte do trabalho para proteger as dunas, instalámos também passadiços que permitem aos visitantes desfrutar do esplendor da Deserta sem a danificar. Ao longo dos passadiços, encontra agora também painéis com informação sobre a Natureza destas ilhas.

MAIS SOBRE O PROJETO
www.lifeilhasbarreira.pt

Munições de chumbo finalmente proibidas

Desde 15 de fevereiro deste ano, é ilegal usar munições de chumbo em todas as zonas húmidas, e nos 100 metros em seu redor, nos 27 países da União Europeia (UE) e ainda na Islândia, Noruega e Lichtenstein. Com esta legislação em vigor, estima-se que serão salvas anualmente cerca de 1 milhão de aves aquáticas que, atualmente, morrem de envenenamento por chumbo – um marco pelo qual vimos a lutar, na parceria BirdLife, há mais de 20 anos.



© USFWS Mountain Prairie

AGENDA EM DESTAQUE

EVENTOS E ATIVIDADES 2023/24

Sábado com aves, manhã no Paul de Manique
 3 de setembro

Festival de Observação de Aves & Atividades de Natureza
 Sagres | 5 a 8 de outubro

XI Congresso de Ornitologia da SPEA e 2ª Jornadas Macaronésicas de Ornitologia
 São Miguel | 22 a 26 de novembro

Sábado com Aves no Estuário do Sado, manhã entre a Gâmbia e a Mourisca
 16 de dezembro

Observação de aves na Lagoa Pequena
 Sesimbra | Por marcação

Tour Priolo, São Miguel
 Nordeste | Por marcação

Visita ornitológica à Guiné-Bissau
 30 de novembro a 14 de dezembro 2024

MAIS ATIVIDADES EM
www.spea.pt/agenda

CENSOS DE AVES 2023/2024

Ajude-nos a contar corujas-das-torres
 Madeira, Portugal Continental | Até final de junho

Inspeções costeiras
 Nazaré, Figueira da Foz, Aveiro, Peniche, Faro

Monitorização de aves que dão à costa
 Todo o país | Todo o ano

Dias RAM (CONTAGENS DE AVES MARINHAS)
 Costa Portuguesa | 1.º sábado do mês

SAIBA MAIS EM
www.spea.pt/como-ajudar/voluntariado

Linhas elétricas cada vez mais seguras



© Bruno Berthemy

Para que cada vez mais linhas elétricas sejam seguras para as aves, na SPEA somos parceiros de dois novos projetos LIFE que começaram este ano: LIFE Safelines4Birds, coordenado pela nossa congénere francesa (LPO), e LIFE PowerLines-4Birds, coordenado pela Liga para a Proteção da Natureza.

Nestes projetos financiados pelo Programa LIFE da União Europeia, continuaremos o trabalho que temos vindo a desenvolver há 20 anos com a E-redes e outros parceiros para identificar e corrigir as linhas e postes mais perigosos para as aves.

Tem o email atualizado?

Se não recebeu por email a convocatória para a Assembleia Geral da SPEA, em março, por favor contacte-nos para verificarmos se os seus dados estão atualizados.

Email: socios@spea.pt

Tel.: 21 322 04 30

Eólicas offshore: proposta ignora impactos na biodiversidade




© Jesse de Meulenaere

A proposta preliminar para a localização das áreas de implantação das eólicas offshore na costa continental portuguesa levanta-nos sérias preocupações. A proposta do governo não considera a componente da biodiversidade, nomeadamente as aves, para garantir a seleção de áreas menos sensíveis para a implantação da energia eólica, colocando em causa o que se pretende que seja uma Economia Azul Sustentável.

A proposta do governo inclui, por

exemplo, propostas de implementação de eólicas offshore em áreas classificadas como Zonas de Proteção Especial, importantes para a avifauna. Um exemplo é a Zona de Proteção Especial do Cabo Raso, onde a área proposta se sobrepõe completamente com a área da ZPE – uma área onde se concentram milhares de aves, sobretudo durante os períodos de migração.

SAIBA MAIS EM

 www.bit.ly/spea-eolicas

Objetivo superado

Graças a todos os que contribuíram para a campanha Noite Com Vida, conseguimos angariar mais de 10 000€ que nos permitirão continuar a salvar cagarras e outras aves marinhas, estudar o impacto da poluição luminosa na Madeira e Açores, e trabalhar com os municípios para implementar iluminação pública mais eficiente, mais adequada e mais bem direcionada. Obrigada!



Hotspot de biodiversidade no Atlântico Norte precisa de maior proteção



© Mark Olsen

Um estudo da BirdLife International (da qual a SPEA é o membro português) mostrou que uma área do Atlântico Norte, entre o Reino Unido, o Canadá e a Gronelândia, é usada por mais de 5 milhões de aves marinhas – a maior concentração de aves alguma vez documentada em alto mar. Dada a sua importância para a biodiversidade, em 2021 a NACES (North Atlantic Current and Evlanov Sea Basin) foi designada como área marinha protegida ao abrigo da convenção OSPAR. Mas essa prote-

ção ficou-se apenas pela superfície – literalmente. O fundo do mar não está incluído na proteção da área. Sem proteção legal adequada, corre-se o risco de que o fundo do mar seja alterado ou destruído por atividades humanas como a mineração, desencadeando reações em cadeia que vão ameaçar espécies até à superfície. Assine a petição para proteger toda a NACES, da superfície até ao fundo do mar:

ASSINE A PETIÇÃO EM
www.protectnaces.com

Mês da criança na loja SPEA

Este ano, celebramos o Dia da Criança durante todo o mês: de 1 a 30 de junho, ao fazer mais de 30€ em compras na nossa loja online recebe grátis o nosso livro infantil, Maio Gaió.

Uma divertida leitura de verão, que recebe ao fazer compras que ajudam a Natureza.



APROVEITE JÁ
www.spea.pt/loja

Partilhe segredos com outros sócios

Deixe-se inspirar pelo nosso Diretor Executivo, Domingos Leitão, que nesta edição partilha alguns dos locais “secretos” onde gosta de observar aves na região de Lisboa (página 32), e faça como o nosso sócio Hugo Blanco, que organizou atividades de observação de aves marinhas em alto mar, durante a migração primaveril.

Se gostaria de dinamizar atividades de observação de aves para outros sócios, contacte-nos: socios@spea.pt.

Congresso está de volta

A 11ª edição do Congresso de Ornitologia da SPEA terá lugar em São Miguel, de 22 a 26 de novembro, e este ano inclui também as 2ª Jornadas Macaronésicas de Ornitologia. O maior evento científico na área do estudo e conservação das aves em Portugal, o congresso é um momento de partilha entre investigadores, ornitólogos e estudantes. Os participantes terão ainda a oportunidade de visitar áreas-chave de conservação da Natureza e divulgação de ciência na ilha de São Miguel.

A submissão de propostas de comunicações orais, posters e workshops está aberta até 14 de julho, e as inscrições a preço early bird decorrerão até 30 de setembro.

MAIS INFORMAÇÃO
www.congresso.spea.pt



© Rúben Blanco



© Brendan Ryan CC BY-NC-SA 2.0



© Hans Hillewaert

Gaivotas e gansos nas cidades

Dois artigos publicados na nossa revista científica AIRO, com a participação de técnicos da SPEA, apresentam, apresentam os resultados do censo nacional de gaivota-de-patas-amarelas, e investigam a população de gansos-do-egito que nidifica em Lisboa.

Oliveira N *et al.* 2023. *Airo* 31: 3-37.

www.airo-spea.com

Alonso, H *et al.* 2022. *Airo* 30: 22-31.

www.airo-spea.com

Pesticidas causam declínio de aves na Europa

Um estudo de dados dos últimos 40 anos, de 28 países europeus, incluindo dados do Censo de Aves Comuns, não só confirmou declínios acentuados nas populações

da maioria das espécies de aves de zonas agrícolas como identificou o principal culpado: o uso de pesticidas e fertilizantes na agricultura intensiva. O estudo, que contou com autores da SPEA, analisa o maior conjunto de dados alguma vez compilado para as aves europeias, graças ao contributo de centenas de voluntários por todo o continente.

Rigal S *et al.* 2023. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 120 (21) e2216573120.

DOI: [10.1073/pnas.2216573120](https://doi.org/10.1073/pnas.2216573120)

Alterações climáticas arrasam aves da Antártida

Nevões extremos na Antártida tiveram um impacto devastador nas aves marinhas que nidificam na região, na época 2021/22. Duas das maiores colónias de pardela-do-antártico (*Thalassoica antarctica*), que entre 1985 e 2020 albergaram entre 20 mil e 200

mil ninhos por ano, tiveram apenas 3 ninhos em 2021/22. Também aves como os moleiros e outras espécies de pardela viram o seu sucesso reprodutor aniquilado devido a estes temporais associados às alterações climáticas.

Descamps S *et al.* 2023. *Current Biology*.

DOI: [10.1016/j.cub.2022.12.055](https://doi.org/10.1016/j.cub.2022.12.055)

Movimentos das aves são dado importante

Cientistas da Universidade de Aveiro mostraram que o Estudo de Impacto Ambiental do proposto aeroporto do Montijo poderá ter subestimado o impacto nas aves limícolas, por não ter tido em conta como estas aves se movimentam entre diferentes áreas do estuário.

Nightingale J. *et al.* 2023. *Animal Conservation*.

DOI: [10.1111/acv.12868](https://doi.org/10.1111/acv.12868)



© Ximo Galarza



© Freepik

Refúgios ribeirinhos

Um artigo publicado na nossa revista científica, *Airo*, mostra que, nas plantações de eucalipto, as galerias ribeirinhas podem funcionar como refúgio para as aves, ajudando à recuperação da biodiversidade depois de incêndios florestais.

Pereira PF e Lourenço R. 2023. *Airo* 31: 3-19.
www.airo-spea.com

Plástico: o novo agente patogénico

A poluição por plástico já deu origem a uma nova doença nas aves marinhas: a plasticose, caracterizada por uma inflamação do aparelho digestivo causada não por bactérias ou vírus, mas devido à ingestão de pequenos pedaços de plástico. Cientistas que acompanham a maior colónia de pardela-de-patas-rosadas (*Ardena carneipes*) do mundo, na ilha Lord

Howe (perto da Austrália), julgam que esta doença será a razão pela qual nos últimos 13 anos o peso das crias - mesmo das mais saudáveis - diminuiu drasticamente. Em paralelo, cientistas da Universidade dos Açores, juntamente com colegas da Alemanha, descobriram que os microplásticos estão já a causar alterações no microbioma gastrointestinal das aves marinhas.

Charlton-Howard HS et al. 2023. *Journal of Hazardous Materials*.

DOI: 10.1016/j.jhazmat.2023.131090

Lavers JL & Bond AL 2023. *ICES Journal of Marine Science* 80(4): 1113–1119.

DOI: 10.1093/icesjms/fsad048

Fackelmann G et al. 2023. *Nature Ecology & Evolution* 7: 698–706.

DOI: 10.1038/s41559-023-02013-z

Para aceder aos artigos, vá a www.doi.org e insira o respetivo código DOI.

E ainda...

Estudo identifica as penas mais refletoras do mundo

Dunning et al. 2023. *Journal of The Royal Society Interface*.

DOI: 10.1098/rsif.2022.0920

Paragens das aves migratórias não são só para abastecer

Eikenaar C et al. 2023. *Biology Letters*.

DOI: 10.1098/rsbl.2022.0518

Distância que as aves migratórias conseguem voar é determinada pelas reservas de proteína (e não de gordura)

Elowe CR et al. 2023. *PNAS*.

DOI: 10.1073/pnas.2216016120

Quantos priolos há no mundo?

Costa TMM et al. 2023. *Diversity*.

DOI: 10.3390/d15050685

Aves conseguem ignorar percepção do campo magnético quando não precisam dele

Brodbeck MIR et al. 2023. *European Journal of Neuroscience*.

DOI: 10.1111/ejn.15995

Flamingos com personalidades parecidas têm tendência a passar mais tempo juntos

McCully FR et al. 2023. *Scientific Reports*.

DOI: 10.1038/s41598-023-29315-3

África em miniatura

Das savanas aos mangais, passando pelas lagoas e pelas florestas, na Guiné-Bissau encontra boa parte das paisagens da África Ocidental numa área pouco maior que o Alentejo.

Neste pequeno país encaixado entre a secura do Sahel e as florestas húmidas da Alta Guiné, ainda vivem leões, elefantes, hipopótamos, crocodilos, manatins, tartarugas marinhas, tubarões raros, palancas-vermelhas, chimpanzés e muitos outros primatas. A diversidade de ecossistemas suporta também, é claro, uma panóplia de aves: quase 600 espécies, incluindo muitas que não ocorrem na Europa.

Na Guiné-Bissau pode observar espécies como o pato-orelhudo (*Nettapus auritus*), o noitibó-de-estandarte (*Caprimulgus longipennis*), o pés-de-barbatanas (*Podica senegalensis*), o grou-coroadado (*Balearica pavonina*), a abetarda-real (*Neotis denhami*), a andua-gigante (*Corythaeola cristata*), a garça-gigante (*Ardea goliath*), o pássaro-martelo (*Scopus umbretta*), a jacana-pequena (*Microparra capen-*

sis), a corredeira-de-temminck (*Cursorius temminckii*), a perdiz-do-mar-de-colar-branco (*Glareola nuchalis*), o garajau-real-africano (*Thalasseus albidorsalis*), o abutre-das-palmeiras (*Gypohierax angolensis*), a águia-rabota (*Terathopius ecaudatus*), a águia-cobreira-da-guiné (*Circaetus beaudouini*), o abutre-de-cabeça-branca (*Trigonoceps occipitalis*), a águia-de-penacho (*Lophaetus occipitalis*), o calau-da-abissínia (*Bucorvus abyssinicus*), o calau-de-casquete-amarelo (*Ceratogymna elata*), o rolieiro-de-garganta-azul (*Eurystomus gularis*), o rolieiro-de-bico-amarelo (*Eurystomus glaucurus*), a poupinha (*Prionops plumatus*), o barbaças-bidentado (*Pogonornis bidentatus*), o papa-moscas-pintado (*Bias musicus*), o picanço-da-guiné (*Laniarius turatii*), que ocorre apenas em mais três países da região, e o tecelinho-de-bico-azul (*Spermophaga haematina*), entre muitas outras.

Bissau e arredores

As zonas húmidas que cercam a cidade de Bissau acolhem uma diversidade excepcional de aves. Num raio de apenas 10 km em torno do centro da capital, podem observar-se 300 espécies, algumas delas raras e ameaçadas. A longa lista inclui o pato-de-faces-brancas (*Dendrocygna viduata*), a rola-dos-palmares (*Spilopelia senegalensis*), o grou-coroadado, o tagaz (*Gelochelidon nilotica*), o mergulhão-serpente (*Anhinga rufa*), a garça-preta (*Egretta ardesiaca*), a garça-de-cabeça-negra (*Butorides striata*), a águia-cobreira-da-guiné, o abutre-de-cabeça-branca, o mochinho-pintado (*Glaucidium perlatum*), o pica-peixinho-de-poupa (*Corythornis cristatus*), o guarda-rios-malhado (*Ceryle rudis*), o picanço-bárbaro (*Laniarius barbarus*), o beija-flor-de-raquetes (*Hedydipna platura*), o tecelão-de-bico-branco



Rio Corubal com as suas florestas de galeria
Miguel Lecoq



Quando visitar
Setembro a julho

Como chegar
Voo direto da TAP e da EuroAtlantic Airways

Próxima Visita Ornitológica SPEA à Guiné-Bissau
30 nov - 14 dez 2024

Rápidos do Saltinho, rio Corubal
Miguel Lecoq



Rolieiro-de-bico-amarelo
Miguel Lecoq



Poupinha
Miguel Lecoq

(*Bubalornis albirostris*), o bico-carmim (*Quelea quelea*) e a freirinha-de-an-sorge (*Ortygospiza atricollis*).

Rio Corubal e Bijagós

No rio Corubal, a zona do Saltinho, com o seu notável conjunto de rápidos, conserva ainda algumas das paisagens mais espetaculares da África Ocidental. Nas florestas de galeria nas margens do rio, aos primeiros raios de sol da manhã pode vislumbrar o pés-de-barbatanas, a garça-noturna-de-dorso-branco (*Gorsachius leuconotus*), o pica-peixe-azul (*Alcedo quadibrachys*) e o papa-figos-de-asa-preta (*Oriolus nigripennis*).

Ao largo da foz do Geba (cujo caudal é maioritariamente composto pelas águas do Corubal) encontra-se o arquipélago dos Bijagós, uma das jóias da região. Perto de um milhão de aves aquáticas invernantes reúnem-se aqui

e na costa durante a estação seca (que coincide com o Inverno europeu).

Parque Nacional de Cantanhez

Um local a não perder é o Parque Nacional de Cantanhez. Aqui encontram-se as últimas florestas sub-húmidas do país, que, para muitas espécies de aves características das florestas da Alta Guiné, são o limite norte da distribuição. Mas a principal atração do parque não são as aves: aqui vive um dos principais núcleos de chimpanzés da subespécie da África Ocidental (*Pan troglodytes verus*).

Reserva Natural das Lagoas de Cufada

Outra zona húmida a visitar é a Reserva Natural das Lagoas de Cufada. Classificadas como sítio Ramsar pela

sua importância ecológica, as lagoas são conhecidas pela sua avifauna aquática. De entre as muitas espécies que dela dependem, destacam-se o pato-orelhudo, a jacana-pequena, o pelicano-branco (*Pelecanus onocrotalus*), o pigargo-africano (*Haliaeetus vocifer*) e o camião-pequeno (*Porphyrio alleni*). Com sorte, aqui poderá observar também uma das aves mais raras e ameaçadas da região, o jabiru (*Ephippiorhynchus senegalensis*).

Uma visita à Guiné-Bissau promete uma lista tão impressionante quanto variada: de aves, de outros animais, de paisagens e de experiências extraordinárias. ■

Adaptado do itinerário da visita SPEA à Guiné-Bissau 2024, de Miguel Lecoq.

Autores | Sonia Neves e Lara Broom
SPEA



Martim Melo
Lucas

ENTREVISTA

O mistério do mocho-do-príncipe

Falámos com **Martim Melo**, investigador do CIBIO e do Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto e membro da Direção Nacional da SPEA, sobre como foi juntando pistas até provar que existe um mocho na ilha do Príncipe, quem o ajudou nesse trabalho de detetive, e porque chamou à espécie *Otus bikegila*.

Fala-me desta espécie: o que a distingue das outras?

Bem, o que a distingue assim que alguém possa ver – ou neste caso, ouvir – é o canto. Porque trata-se de uma espécie de *Otus*, em português um mocho-pequeno-de-orelhas, um grupo de espécies muito parecidas umas com as outras. Depois, claro, geneticamente vê-se que é muito diferente, mas isso as pessoas não conseguem ver no campo.

A história da descoberta foi longa e envolveu muitas pessoas – conta-me como começou.

Eu estava a fazer um trabalho para o meu mestrado, sobre a população de papagaio-cinzento no Príncipe, a trabalhar com um apanhador de papagaios. Em conversa, disse-me que uma vez estava ele debaixo da árvore a segurar a corda para o seu companheiro subir, e o companheiro quando chegou lá acima

disse que viu um bicho muito feio, de olhos muito grandes, dentro do ninho. “Parece o diabo” gritou. E depois outra pessoa que trabalha connosco no campo também me fez esse tipo de descrição, em que ele próprio teria visto uma ave assim. Eu suspeitei logo, por essa descrição, que devia ser uma rapina noturna. Isto foi em 1998, e eu comecei a pensar “então se calhar há aqui um mocho, isto é interessante”... Voltei lá depois para o meu doutoramento em 2002, e aí ouvimos um canto, uma vocalização, que não sabíamos do que é que era. Gravei essa vocalização e preparei gravações playback para tentar atrair... Mas a questão é que eu não o conseguia atrair: ele não descia, parecia que estava sempre nas copas muito altas.

Então foste à procura de outras pistas?

Fui tentar perceber se alguém já tinha visto ou falado de mochos ali. Pedi

à minha companheira, que foi fazer um trabalho no museu de história natural de Nova Iorque, se podia ver lá nos arquivos cartas de um coletor que era o José Correia – um açoriano que trabalhava para o museu e em 1928-29 foi para São Tomé e Príncipe, para fazer colheitas para o museu. Havia uma carta, em que ele diz “eu no Príncipe nunca vi mocho nenhum, mas aqui os locais dizem que de vez em quando, de 10 em 10 anos, vê-se um”. Para mim, essa carta foi mais uma pista: independentemente, outra pessoa já tinha sugerido que se calhar havia ali um mocho.

Portanto voltaste “à caça”?

Em 2007, fizemos um estudo por causa do tordo-do-príncipe, e aproveitei que fizemos transetos ao longo de toda a ilha: mapeámos a ocorrência do tordo mas também à noite a ocorrência deste canto que achávamos que era do mocho. Com isso escre-

vemos um artigo, fazendo a pergunta “Será que existe um mocho na ilha do Príncipe?” e dávamos todas as provas, todas as evidências que pareciam sugerir que existia. E no final fazíamos um apelo aos observadores de aves que lá iam ao Príncipe, para fazerem um esforço de o procurar, para desvendar este mistério. Uns anos mais tarde, em 2016, um observador de aves da Bélgica, o Philippe Verbelen, contactou-me. Eu não pude ir com ele, mas organizei-lhe a expedição, com as pessoas todas com quem eu trabalho, para ele ir aos sítios onde sabíamos que se houvesse mocho era ali que ele o veria. E de facto ele foi, com aquela paixão, “tenho que encontrar”, e encontrou: com a mesma gravação conseguiu chamá-lo e nesse caso o mocho baixou, e ele fotografou-o. Portanto provou que existia o mocho.

Portanto o mocho sempre existia...

Estava então confirmado que existia o mocho, quase de certeza que era uma espécie nova, mas tínhamos que o comprovar e descrever. Então voltámos nós à ilha. De 2017 a 2019 recolhemos material para a descrição da espécie, e recolhemos já dados para poder avaliar o seu estatuto de conservação. Ao mesmo tempo testámos logo um método para poder monitorizar esta espécie com gravadores automáticos, porque reconhecíamos que era rara, só existe ali num sítio muito definido da ilha, e que seria bom um método que as organizações locais, que já estão a implementar projetos de monitorização do tordo, com o apoio da SPEA, também incluíssem esta espécie no seu programa de monitorização.

Quando chegou a altura de dar o nome científico à espécie, escolheram homenagear uma das pessoas que estiveram envolvidas no processo – quem é?

É o Bikegila, que foi a pessoa com quem eu trabalhei desde 1998, o agora ex-apanhador de papagaios – foi contratado como guarda do Parque



Bikegila
Philippe Verbelen

Natural criado em 2006. ‘Bikegila’ é o seu ‘nome de casa’, o nome por que todos o conhecem. O seu nome de registo é Ceciliano. Se não fosse o Bikegila, não tínhamos encontrado o mocho – ou sequer começado à procura do mocho! E além da homenagem a ele, é também uma homenagem às pessoas dos sítios onde vamos fazer os estudos, porque estas descobertas não vêm do nada. Mesmo o próprio Bikegila não é só conhecimento dele, é conhecimento que lhe foi passado a ele dos mais velhos... Portanto o nome é um reconhecimento de todo o trabalho que vem de trás e do conhecimento acumulado ao longo de anos e anos.

E o Bikegila, como reagiu?

Eu não lhe tinha dito que ia dar o nome dele à espécie, e não sabia bem como é que ele ia receber a notícia... Então telefonei a dar-lhe a notícia e à primeira deu uma gargalhada, mas depois percebia-se que apreciou a homenagem. E depois disse também a

filha dele, a Caíta, e foi engraçado porque ela também riu primeiro com espanto, mas depois... O Bikegila é mais calado, uma pessoa percebe o que ele está a sentir, mas não exterioriza muito. Mas a filha, sim, foi enumerando as coisas todas boas que via neste gesto: “alguém que se lembra de nós aqui no Príncipe”; perceber que é um nome que fica para sempre, os netos do Bikegila e os filhos deles vão saber quem ele era mesmo que não o tenham conhecido; e gostou que se tenha feito uma homenagem a uma pessoa ainda em vida, que era muito importante... Portanto a Caíta viu a escolha do nome como uma coisa muito positiva. ■

ARTIGOS CIENTÍFICOS

Descrição da nova espécie *Otus bikegila*
[www.doi.org/10.3897/zookeys.1126.87635](https://doi.org/10.3897/zookeys.1126.87635)

Estatuto de conservação e ameaças
[www.doi.org/10.1017/S0959270922000429](https://doi.org/10.1017/S0959270922000429)

Protocolo de monitorização automática
<https://osf.io/mfubj>

Entrevista por | **Sonia Neves**
SPEA

Exija uma Lei de Restauro de Natureza forte



Lagoa do Congro, Açores
Thierry

Cerca de 80% dos habitats europeus estão em mau estado de conservação. Mas este ano temos uma oportunidade única de colocar as áreas naturais europeias no caminho da recuperação: a lei de Restauro de Natureza da União Europeia, atualmente em discussão em Bruxelas. O grau de eficácia desta lei está nas mãos dos eurodeputados e dos Ministros da União Europeia. Por isso, precisamos da sua ajuda para exigir aos decisores políticos uma lei ambiciosa e forte, que obrigue legalmente os países da Europa a restaurar uma parte do seu património natural.

Precisamos da natureza para a nossa própria sobrevivência. Para evitar o aumento de incêndios por todo o continente. Para resistir às inundações que destroem as nossas casas e

os nossos meios de subsistência. Para produzir alimentos e ecossistemas sustentáveis. A natureza é o nosso maior aliado na luta contra as alterações climáticas. Precisamos da natureza para o nosso bem estar (saiba mais na página 21).

Com uma boa lei de Restauro de Natureza, podemos aumentar a resiliência da nossa costa à subida do nível do mar, tirar mais proveito das nossas florestas nativas, e até aumentar a produtividade dos nossos rios (página 26). Em suma, todos ficamos a ganhar.

Como pode ajudar

Estamos a pedir ao nosso governo e ao Parlamento Europeu que aprovem urgentemente uma Lei que ga-

ranta o Restauro da Natureza na Europa. Para isso é fundamental que esses decisores políticos não deixem enfraquecer a lei: têm de estabelecer metas concretas – não basta os estados membros apresentarem medidas, têm de garantir resultados. E essas metas têm de ser legalmente vinculativas. Esta lei está mesmo ao nosso alcance, mas precisamos da sua ajuda para que ela se torne realidade.

Como? Mostrando aos decisores políticos como será o mundo se conseguirmos restaurar a natureza: assine a nossa carta e envie-lhes uma fotografia de um local onde gostaria de ver mais Natureza. Pode fazê-lo num minuto, no nosso site. ■

ASSINE A PETIÇÃO EM
 www.restorenature.spea.pt

Guiné- Bissau

30 NOV — 14 DEZ 2024



África em todo o seu esplendor

Junte-se a nós para duas semanas de descoberta por entre savana, florestas, lagoas e mangais, em busca de chimpanzés e calaus, hipopótamos e pelicanos, e centenas de outros *ex-libris* africanos.

MAIS INFORMAÇÃO
BREVEMENTE EM

www.spea.pt/agenda

CABO VERDE

Calhandras-do-raso continuam a prosperar



Calhandras-do-raso num ninho na ilha de Santa Luzia

Joana Bores

A calhandra-do-raso, espécie que em 2018 foi reintroduzida na ilha de Santa Luzia, Cabo Verde, num esforço conjunto entre SPEA, BirdLife International e Biosfera, continua a prosperar na sua nova casa. No censo deste ano, a equipa da Biosfera estimou que a ilha alberga agora 450 a 600 calhandras – nada mau para uma população que começou com poucas dezenas de indivíduos.

Em abril de 2018, a equipa internacional translocou para Santa Luzia 37 calhandras do vizinho Ilhéu Raso. No ano seguinte, foram translocadas mais 33 calhandras, para reforçar a população. Com esta reintrodução na ilha de Santa Luzia, esperamos criar uma rede de segurança para esta espécie, que estava confinada ao pequeno ilhéu que lhe dá o nome – e por isso sujeita a que uma intem-

périe ou um mau ano pudesse devastar a espécie.

A equipa da Biosfera irá continuar a acompanhar de perto esta espécie – e na SPEA, aguardamos sempre ansiosamente pelas próximas notícias! ■

Autora | Sonia Neves
SPEA

Uma questão de atitude

A história dos pombos da Madeira, Açores e Canárias mostra como a atitude dos governos pode salvar ou condenar uma ave.

Dos romances às telenovelas, é um enredo tão comum que já se tornou um cliché: irmãos separados à nascença, um crescendo amado e protegido, enquanto o outro vive situações de negligência e abuso. A situação dos pombos da Macaronésia faz lembrar estas histórias – mas está ainda longe do habitual final feliz.

São quatro os pombos desta história: duas espécies nas Canárias (pombo-ra-

bil, *Columba junoniae*, e pombo-turquesa, *Columba bollii*), uma na Madeira (pombo-da-madeira ou pombo-trocaz, *Columba trocaz*) e uma subespécie nos Açores (pombo-torcaz-dos-açores, *Columba palumbus azorica*). Todos são facilmente reconhecíveis como pombos, embora maiores do que o pombo-doméstico, e todos vivem na floresta Laurissilva – e desempenham um papel importante na manutenção das florestas nativas das ilhas atlânticas.

Na Madeira, Açores e Canárias, pombos e Laurissilva estão intimamente ligados
Andrei Dimofte

O pombo-rabil identifica-se pela plumagem cinzento-acastanhada, com um brilho púrpura e reflexos metalizados na cabeça e pescoço, e pela banda clara na ponta da cauda. Já o pombo-turquesa, que com ele partilha as ilhas de La Palma, La Gomera, Tenerife e El Hierro, tem uma banda cinzenta na cauda, e a cor escura das suas penas de voo contrasta com o corpo azul-acinzentado, com uma mancha cor-de-vinho e verde-metálica de cada lado do pescoço. Este último está altamente dependente da floresta Laurissilva: é nela que vive, se alimenta e faz o ninho. Essa dependência torna-o vulnerável a alterações, degradação ou destruição deste habitat – ameaças que podem rapidamente pôr a espécie em perigo, já que ela não existe em mais nenhum local do mundo. Reconhecendo esse risco, e apesar de, em Espanha, a espécie ser considerada Quase Ameaçada (o 2º grau mais baixo na “escala” de ameaça internacional), as autoridades espanholas incluem o pombo-turquesa na sua lista de espécies em regime de proteção especial.



Pombo-rabil
Aurelio Martin

“ **Apesar de a espécie ser considerada Quase Ameaçada, as autoridades espanholas incluem o pombo-turquesa na sua lista de espécies em regime de proteção especial.** ”

Para o pombo-rabil, a destruição de habitat já obrigou a uma mudança de casa. Antes de os humanos colonizarem estas ilhas, a espécie habitava os bosques de baixa altitude. Perante a expansão humana – e a consequente destruição desses bosques – o pombo-rabil viu-se forçado a procurar refúgio noutros lados: na Laurissilva, nos chamados bosques de monteverde, em bosques mais secos, e especialmente em barrancos e ladeiras escarpadas com vegetação mais adaptada a climas quentes. Ao mesmo tempo, esta espécie viu surgir uma outra ameaça: os ratos e gatos trazidos (intencionalmente ou não) pelos humanos, e que comem ovos e crias de pombo – uma ameaça a

que o pombo-rabil está particularmente suscetível, pois faz o ninho no solo. Segundo a Sociedade Espanhola de Ornitologia (SEO/BirdLife), estudos em Tenerife demonstraram que a predação pode levar à perda de quase 75% das ninhadas desta espécie. Dadas estas ameaças, e o facto de ser também uma espécie endémica (i.e. que só existe neste arquipélago), o pombo-rabil está classificado como Vulnerável em Espanha. Para proteger os seus pombos, o governo das Canárias tem vindo a desenvolver, desde 1993 e em parceria com a SEO/BirdLife e outras entidades, ações para combater a caça ilegal, restaurar os seus habitats, e procurar alternativas viáveis à exploração das florestas nativas. Como parte dos esforços de conservação da espécie, o pombo-rabil foi, inclusive, reintroduzido com sucesso na ilha de Gran Canaria, onde estava extinto.

Já os pombos portugueses não têm tido a mesma sorte. O pombo-da-madeira, identificável pelo seu grande





Pombo-da-madeira
Erik Wahlgreen



O pombo-torcaz-dos-açores viu a Laurissilva substituída por espécies exóticas como esta *Criptomeria japonica*, usada para produção de madeira.

Ana Mendonça | SPEA

porte e pela mancha cinzento-prateada no pescoço, tem sido alvo de abate autorizado pelo Governo da Regional da Madeira nos últimos anos. À semelhança das espécies das Canárias, o pombo-da-madeira alimenta-se de bagas das plantas da Laurissilva. De facto, pombo e floresta evoluíram juntos ao longo de milénios, criando uma dependência mútua: os pombos dependem da Laurissilva para alimento (e para fazer o ninho) e as plantas dependem do pombo para dispersar as suas sementes. Mas à medida que os seres humanos se expandiram floresta adentro, em vez das habituais bagas o pombo-da-madeira começou a encontrar — e a comer — rebentos de vinha, couves e outras folhas. Gerou-se assim um conflito entre os pombos e os donos das pequenas hortas. Para muitos, as hortas junto à Laurissilva são uma importante fonte de alimento para as suas famílias, e os danos causados pelos pombos podem ter um impacto negativo.

No entanto, essas perdas podem ser minimizadas, recorrendo a canhões sonoros e fitas holográficas que afugentam os pombos, a redes de proteção que os impedem de chegar às plantas, ou, quando possível, trocando o local das plantações (plantando junto à Laurissilva espécies sem interesse para o pombo, e plantando as couves, por exemplo, a altitudes mais baixas que o pombo não frequenta). A solução pode também passar por indemnizar os agricultores prejudicados.

Contudo, em vez de incentivar estas soluções, o governo da Madeira optou por encarnar o papel de vilão, emitindo autorizações para o abate de uma espécie que não existe em mais nenhum local do mundo, e que nos anos 80 estava ameaçada de extinção. “Já para não falar da incongruência de pedir à Comissão Europeia milhões de euros para proteger a Laurissilva, património da UNESCO, e depois abater uma das aves de que esta floresta depende

para germinar”, comenta Cátia Gouveia, coordenadora da SPEA Madeira. E para tornar a história ainda mais triste, não há provas de que o abate funcione efetivamente para reduzir os danos às culturas. Apesar disso, nos Açores há quem gostasse de fazer o mesmo.

Vozes de entre a comunidade de caçadores têm vindo a pressionar para que também neste arquipélago seja autorizado o abate de pombos, neste caso do pombo-torcaz-dos-açores, argumentando que a ave causa danos aos cultivos. Em São Miguel, alegam uma situação semelhante à da Madeira, com os supostos danos a incidirem sobre hortas de subsistência, “mas está longe de estar demonstrado o real impacto”, diz Rui Botelho, coordenador da SPEA Açores, relembrando que, a existir, os danos podem ser minimizados com recurso aos canhões sonoros, redes, fitas e outros métodos não-letais. No Pico e na Terceira — as regiões vinícolas do arquipélago com Denominação de

Origem Protegida — o argumento de quem quer caçar pombos são os danos às vinhas. No entanto, um estudo do CIBIO - Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, realizado, a pedido do governo regional, concluiu que não eram os pombos a comer as uvas, mas sim outras espécies.

“Até à data, o governo tem negado estes pedidos, e as entidades públicas parecem bastante consciencializadas para a importância do pombo-torcaz-dos-açores”, frisa Rui Botelho. Ele e a equipa SPEA Açores trabalham para que essa consciência se mantenha firme face aos interesses, enquanto Cátia Gouveia e a equipa SPEA Madeira continuam a bater-se por uma mudança de atitude, para que os pombos portugueses possam deixar de ser os parentes pobres, e que a história possa ter um final feliz para todos os pombos da Macaronésia. ■

Autora | Sonia Neves
SPEA



PUB

Aldeia da Mata Pequena

TRADIÇÃO POR NATUREZA

Onde Arquitectura casa com Paisagem,
Conforto casa com Autenticidade
e Biodiversidade casa Consigo.

São 14 casas recuperadas situadas na
Região de Proteção Especial do Penedo
do Lexim a apenas 40km de Lisboa.

RESERVAS

diogobatalha@aldeiadamatapequena.com

T: 935141909

www.aldeiadamatapequena.com

Proteger já não chega

Trazer a Natureza de volta à Europa será crucial para enfrentarmos a crise climática, traz-nos benefícios de saúde – e faz sentido em termos económicos.

Nos últimos 30 anos, a legislação europeia (em particular as Diretivas Aves e Habitats) conseguiu evitar a extinção de muitas espécies ameaçadas. Mas este foi um sucesso parcial: conseguimos desacelerar o declínio, mas não pará-lo – e muito menos revertê-lo. Segundo as estimativas da WWF, 63% das espécies da União Europeia es-

tão em mau estado de conservação. O mesmo acontece com uns estonteantes 81% dos habitats protegidos da UE. Perante estes dados, torna-se evidente que para reverter o mal que já foi feito não basta proteger a pouca Natureza que nos resta. Se queremos enfrentar as crises climática e da biodiversidade, é imperativo recuperar os valores naturais perdidos e degradados.



Os constantes atentados ambientais, agravados pelas alterações climáticas, não têm permitido à Natureza recuperar

Mikhail Serdyukov

A própria Comissão Europeia tem vindo a reconhecer essa necessidade, preconizando o restauro de Natureza. A Estratégia para a Biodiversidade 2020, adotada em 2011, apresentava a meta de restaurar 15% dos ecossistemas degradados da UE – mas ficou por cumprir, em grande parte porque esta era uma meta voluntária para os Estados Membros. Assim, a recente Estratégia para a Biodiversidade 2030 compromete a Comissão Europeia (CE) a propor metas legalmente vinculativas para restaurar os ecossistemas europeus, sobretudo os com maior potencial para captar carbono e minimizar o impacto de desastres naturais.

“Atualmente, mais de metade do PIB mundial está em risco devido à perda de Natureza. Mas se conseguirmos reverter este cenário, e trazer a Natureza de volta, ela pode ajudar-nos.”

Eficácia económica

Como a própria Comissão faz questão de frisar, esta abordagem faz sentido do ponto de vista económico. Segundo estimativas da Comissão Europeia, o custo de restaurar habitats protegidos pela Diretiva Habitats em 10% do território europeu rondaria os 154 mil milhões de euros, e traria benefícios na ordem dos 1,86 biliões de euros. O custo de não fazer nada? 1,7 biliões de euros. Isto porque estamos a perder Natureza mais rapidamente do que ela consegue recuperar – o que significa que, de ano para ano, estamos a perder capacidades naturais de purificar água, absorver a subida do nível do mar, minimizar o impacto de desastres naturais e enfrentar as alterações climáticas. Entre 1997 e 2011, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) estima que o mundo perdeu 3,3 a 16,5 biliões de euros destes serviços de ecossistemas devido a alterações no uso do

território, incluindo a conversão de florestas naturais em zonas agrícolas. No mesmo período, globalmente teremos perdido 5 a 9 biliões de euros devido à degradação do solo em processos como erosão costeira e desertificação. Atualmente, mais de metade do PIB mundial está em risco devido à perda de Natureza. Mas se conseguirmos reverter este cenário, e trazer a Natureza de volta, ela pode ajudar-nos.

Sobreviver à crise climática

Ecossistemas naturais como zonas húmidas, rios e florestas captam carbono, ajudando a mitigar as alterações climáticas. “Nada remove carbono da atmosfera de forma mais eficiente e barata do que a própria Natureza”, pode ler-se na comunicação da CE sobre restauro de Natureza. Quanto mais saudáveis forem estes ecossistemas, e mais biodiversidade albergarem, mais resilientes serão às alterações climáticas. Este ponto foi frisado pelo Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC na sigla em inglês), cujo relatório de fevereiro de 2022 apela a que se implementem urgentemente medidas para restaurar ecossistemas degradados.

“Nada remove carbono da atmosfera de forma mais eficiente e barata do que a própria Natureza.”

Restaurar a Natureza - ajudar um ecossistema que foi degradado, danificado ou destruído a recuperar – não só nos dá maior capacidade para armazenar carbono e assim travar o agravamento das alterações climáticas, como também nos ajuda diretamente a lidar com os seus efeitos. Exemplo disso são as turfeiras do Planalto dos Graminhais, em São Miguel (Açores). Em lugar de ser transformada em mais uma pastagem, graças ao trabalho da SPEA esta área foi restaurada para poder cumprir um papel fundamental.



Sem ecossistemas fluviais saudáveis, ficamos indefesos face a chuvas torrenciais
Juan Manuel Sanchez





Graças às ações de restauro, as turfeiras dos Graminhais, nos Açores, previnem derrocadas e inundações

SPEA



Uma boa Lei de Restauro de Natureza poderá transformar os esforços de recuperação depois de incêndios florestais.

Karsten Winegart

Esta vasta área no topo da montanha atua como uma esponja natural. No inverno, quando caem as chuvas torrenciais características da região (e cada vez mais frequentes no resto do globo, com o agravamento das alterações climáticas) as turfeiras captam e armazenam milhares de litros de água, evitando que ela corra monte abaixo de enxurrada e cause derrocadas e inundações. Ao invés, essa água vai-se infiltrando no solo devagarinho, chegando aos lençóis de água e permitindo que as ribeiras tenham sempre água no verão.

Segurança alimentar

A Natureza é também uma valiosa aliada para a agricultura. Pode parecer óbvio que criar plantas é um processo altamente dependente da Natureza, mas a verdade é que desde a revolução industrial que a humanidade tenta distanciar-se dessa dependência.

A mecanização e os avanços da ciência permitiram que a agricultura passasse da subsistência à produção – mas essa intensificação, com o foco em maximizar o rendimento imediato, está a ter consequências devastadoras a longo-prazo.

Agricultura a uma escala industrial requer água em quantidades industriais: constroem-se barragens e sistemas de regadio que sugam a água das redondezas e alteram profundamente os ecossistemas, agravando situações de seca – e, paradoxalmente, aumentando ainda mais a dependência de fenómenos naturais como as chuvas. Por outro lado, a aposta nas monoculturas deixa para trás solos empobrecidos. Também o uso excessivo de pesticidas, longe de salvar as culturas, está a deixá-las em risco. Entre os pesticidas, o desaparecimento de habitats devido à intensificação da agricultura e à expansão urbana, e as alterações climáticas, polinizadores como as abelhas estão a desaparecer da Europa a um ritmo alarmante. A título de exemplo, em 27 anos a Alemanha perdeu mais de 75% dos seus insetos voadores, com os polinizadores a sofrerem reduções particularmente graves. Uma situação que nos deve preocupar a todos, considerando que 84% das espécies cultivadas na Europa beneficiam de polinização por animais, um serviço natural que anualmente vale 10 a 15 mil milhões de euros à agricultura da UE. Estes números mostram a relevância de criar condições que ajudem as populações de insetos a recuperar. No Reino Unido, o projeto B-Lines, lançado pela organização de conservação de Natureza Buglife, está a fazer precisamente isso. O projeto pretende criar “caminhos” para insetos, criando e restaurando habitats ricos em flores selvagens – tanto em pradarias e campos agrícolas como em zonas urbanas, aumentando também a saúde e bem-estar dos cidadãos ao aproximá-los da Natureza.

Melhor saúde

Portanto restaurar a Natureza traz benefícios económicos, ajuda-nos a enfrentar as alterações climáticas – e

ainda tem benefícios para a saúde humana. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a fraca qualidade ambiental contribui para 630 mil mortes por ano na UE (12,5% do total de mortes). Restaurar a Natureza permite-nos por exemplo melhorar a qualidade do ar, e aumentar a resiliência a situações extremas como seca e ondas de calor que anualmente causam 13 mil mortes na UE – e que tudo indica irão ser cada vez mais frequentes.

“ Polinizadores estão a desaparecer a um ritmo alarmante, perdendo-se um serviço natural que anualmente vale 10 a 15 mil milhões de euros. ”

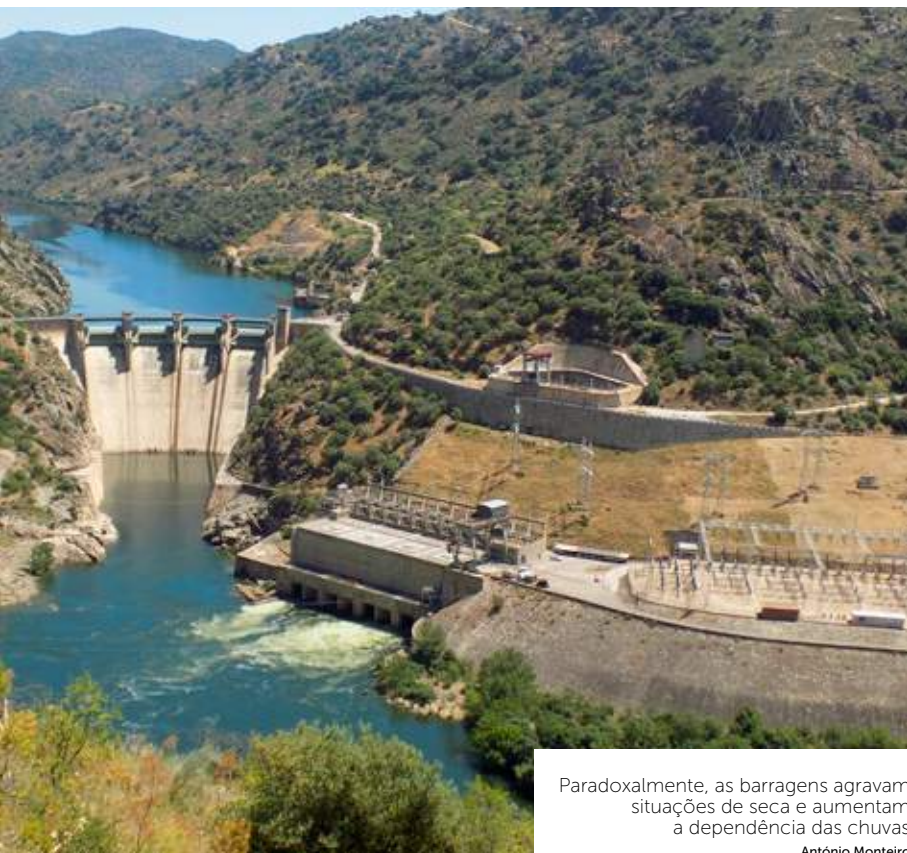
Assim, para além de proteger e recuperar áreas naturais em zonas selvagens, é importante trazer a natureza de volta aos espaços urbanos. As árvores, por exemplo, ajudam a absorver a poluição sonora, retirar a poluentes do ar e reduzir a temperatura das cidades nos tempos quentes. E, é claro, trazer a Natureza de volta aos meios urbanos permite que as pessoas passem mais tempo na Natureza. O que, segundo cada vez mais estudos científicos, é bom para a saúde: um estudo liderado por cientistas da Universidade de Exeter, no Reino Unido, concluiu que simplesmente passar 2 horas por semana na Natureza está associado a melhor saúde e bem-estar.

Oportunidade única

As atuais discussões em Bruxelas são uma oportunidade única para enveredar efetivamente por um caminho mais sustentável, saudável e seguro. Se a União Europeia adotar uma Lei de Restauro de Natureza ambiciosa – com metas que garantam o restauro de uma percentagem considerável dos ecossistemas – e forte – com obrigação de os Estados Membros apresentarem resultados – essa legislação irá ter repercussões noutras áreas. Uma boa Lei de Restauro de Natureza irá forçar os Estados



A aposta nas monoculturas deixa para trás solos empobrecidos
Freepik



Paradoxalmente, as barragens agravam situações de seca e aumentam a dependência das chuvas

António Monteiro



Membros a contemplar mudanças em políticas como a agrícola, do turismo ou das pescas, pois só conseguiremos restaurar a Natureza de que precisamos na Europa se repensarmos a nossa relação com os recursos naturais, e adotarmos usos menos intensivos. Uma Lei de Restauro de Natureza eficaz trará o incentivo a práticas que aumentem a biodiversidade dos nossos campos, distribuam o uso turístico ao longo do ano e do território, e preservem o futuro das pescas, por exemplo criando zonas de exclusão. Estas zonas marinhas, nas quais é proibida toda e qualquer atividade de extração (pesca, mineração, etc.), permitem que a biodiversidade recupere – com efeitos positivos para lá dos seus limites. Por exemplo, e apesar de ter apenas 1km², a Reserva Marinha das Ilhas Medes, em Espanha, levou a que, em apenas 8 anos, o lucro anual proveniente das pescas e do turismo fosse 13 vezes maior.

Se os Estados Membros não aprovarem uma lei eficaz, não será por falta de disponibilidade orçamental: a União Europeia comprometeu-se a investir 10% do seu orçamento em biodiversidade até ao fim de 2026, e 30% no combate às alterações climáticas entre 2022 e 2027. Com uma boa Lei de Restauro de Natureza, parte desse investimento poderá ser em projetos estratégicos de larga escala, como o Parque Paisagístico Emscher, na Alemanha, que uniu 20 cidades e mais de 100 projetos de conservação para revitalizar um rio e transformar zonas industriais abandonadas num corredor de espaços verdes únicos e simultaneamente criou mais de 55 mil postos de trabalho. ■

Este pode ser um ponto de viragem para a Europa. Esperamos que os nossos decisores políticos estejam à altura do desafio.

Exija uma Lei de Restauro de Natureza forte

FAÇA-O JÁ EM:
www.restorenature.spea.pt

Autora | Sonia Neves
SPEA



SUSTENTABILIDADE

3 ecossistemas que 1 Lei de Restauro de Natureza forte pode salvar

Para as nossas florestas, zonas costeiras e rios, uma Lei de Restauro de Natureza ambiciosa poderá fazer a diferença – para bem das pessoas.

Florestas nativas

O nordeste da ilha de São Miguel, nos Açores, é prova viva de que o restauro de Natureza resulta, e dá frutos. Depois de mais de 15 anos de trabalho intenso de centenas de técnicos e

voluntários, com o apoio de financiamento europeu e regional, a luxuriantes floresta Laurissilva voltou a singrar aqui, e com ela não só o priolo mas também as comunidades locais. Além do investimento direto na região, a Laurissilva e o priolo tornaram-se

chamarizes para turistas, alimentando a economia local: dezenas de negócios, desde alojamentos a restaurantes, servem agora aqueles que, ao visitar os Açores, fazem questão de vir procurar o priolo a este cantinho de São Miguel.



Uma Lei de Restauro de Natureza forte pode salvar rios e ribeiros
Pedro Nuno Caetano

Mas esta história ainda não chegou ao fim: os trabalhos nas Terras do Priolo continuam, para garantir que as plantas invasoras não voltam a ganhar raízes na zona, e que a vegetação nativa consegue vingar. E há outras zonas dos Açores a precisar de esforços hercúleos para repor o esplendor da Laurissilva. Esforços que uma Lei de Restauro da Natureza ambiciosa poderia potenciar: se obrigar os governos a restaurar uma percentagem das suas áreas naturais, e prever orçamento para atingir essa meta, a lei permitirá que mais entidades ponham mãos à obra para recuperar a Laurissilva açoriana.

Em Portugal continental, a lei europeia poderá transformar os esforços de recuperação depois de incêndios florestais. Por exemplo, depois dos incêndios devastadores na região de Pedrogão, algum do restauro que se está a fazer é com plantas nativas. Mas há áreas em que o que está a ser plantado são novamente eucaliptos e pinheiros-bravos – espécies que não são nativas da nossa flora, e não têm a mesma resistência ao fogo. E há áreas

que permanecem abandonadas. Eventualmente, poderão voltar a ser ocupadas por floresta nativa, mas essa recuperação poderia ser muito mais rápida com uma ajuda humana. Uma lei que incentive o restauro de Natureza pode contrariar a tentação de repetir os erros do passado.

“ Uma lei que incentive o restauro de Natureza pode contrariar a tentação de repetir os erros do passado. ”

“O Centro e Norte do país têm muitas zonas que tentaram ser zonas de produção de eucalipto e pinheiro e falharam – zonas que não têm utilização económica como floresta de produção, mas podem ter como floresta que capta carbono, que promove o turismo e o bem-estar”, diz o nosso Diretor Executivo, Domingos Leitão.

Numa altura em que se fala cada vez mais no mercado de carbono, e

em que os médicos de vários países receitam já o contacto com a Natureza como terapia, as nossas árvores nativas podem ser um recurso valioso – sobretudo se tivermos uma lei que valorize e incentive à sua recuperação.

Zonas costeiras

No Barreiro, junto ao Tejo, jaz abandonada uma antiga fábrica: a Quinta Braamcamp. Por entre as ruínas de edifícios e moinhos de maré, observam-se tarambolas, borrelhos, garças... dezenas de espécies de aves que indiciam o que este espaço poderia ser. Uma Lei de Restauro de Natureza forte poderia levar a Câmara Municipal do Barreiro, que é dona do espaço, a retirar estas infraestruturas e repor a duna original. Criava-se um refúgio natural às portas da cidade. Reduzia-se o risco de cheias. E aumentava a resiliência do local às alterações climáticas. O cenário repete-se ao longo da nossa costa: dunas e arribas que podem, com a intervenção certa, voltar a desempenhar o seu papel de proteção face à subida do nível do mar.

Ao longo dos tempos, a orla costeira sempre avançou e recuou consoante o nível do mar. Ao instalarmo-nos diretamente sobre a linha de costa, basicamente garantimos que mais cedo ou mais tarde, o mar iria entrar nas nossas infraestruturas. Ao mesmo tempo, tudo o que fizemos para “conquistar” esses locais – desde os edifícios que construímos às plantas e estruturas que inserimos para segurar as terras – retirou à nossa costa a capacidade de se moldar ao mar. Esta tensão só vai ser agravada pelas alterações climáticas. A não ser que façamos um esforço para restaurar a dinâmica da nossa costa.

“ Em termos de restauro da costa, o que há para fazer em Portugal é colossal. ”

“Em termos de restauro da costa, o que há para fazer em Portugal é colossal”, diz Domingos Leitão. Passa por retirar infraestruturas que travam a maleabilidade da costa. E passa também por remover plantas invasoras que causam o mesmo problema, e repor a vegetação nativa. Para ilustrar a dimensão da intervenção necessária, Domingos Leitão dá o exemplo da costa sudoeste do país: “É um parque natural, e está coberto de chorão e acácia, que são espécies invasoras. Uma Lei de Restauro de Natureza ambiciosa tornaria prioritário recuperar áreas como essa.”

Outras áreas com um papel crucial na proteção da costa, e que a Lei de Restauro de Natureza poderia beneficiar, são as Ilhas Barreira da Ria Formosa e da Ria de Aveiro. Como o nome indica, estas ilhas formam uma barreira face ao mar, permitindo que, atrás dela, se forme a ria: um refúgio que pode servir de viveiro para uma enorme variedade de peixes e moluscos.

Na Ria Formosa, restaurar as Ilhas Barreira (como estamos a fazer no

projeto LIFE Ilhas Barreira) é não só proteger um ecossistema importante para várias espécies ameaçadas e para o turismo, mas também salvaguardar o futuro das pescas — “não só ali como fora dali”, salienta Domingos Leitão. Em Aveiro, com uma Lei de Restauro de Natureza forte, poderíamos finalmente deixar de desperdiçar dinheiro a tentar segurar dunas que precisamos que sejam móveis, e ao invés investir na recuperação das ilhas barreira e na resiliência da costa a longo-prazo, argumenta.

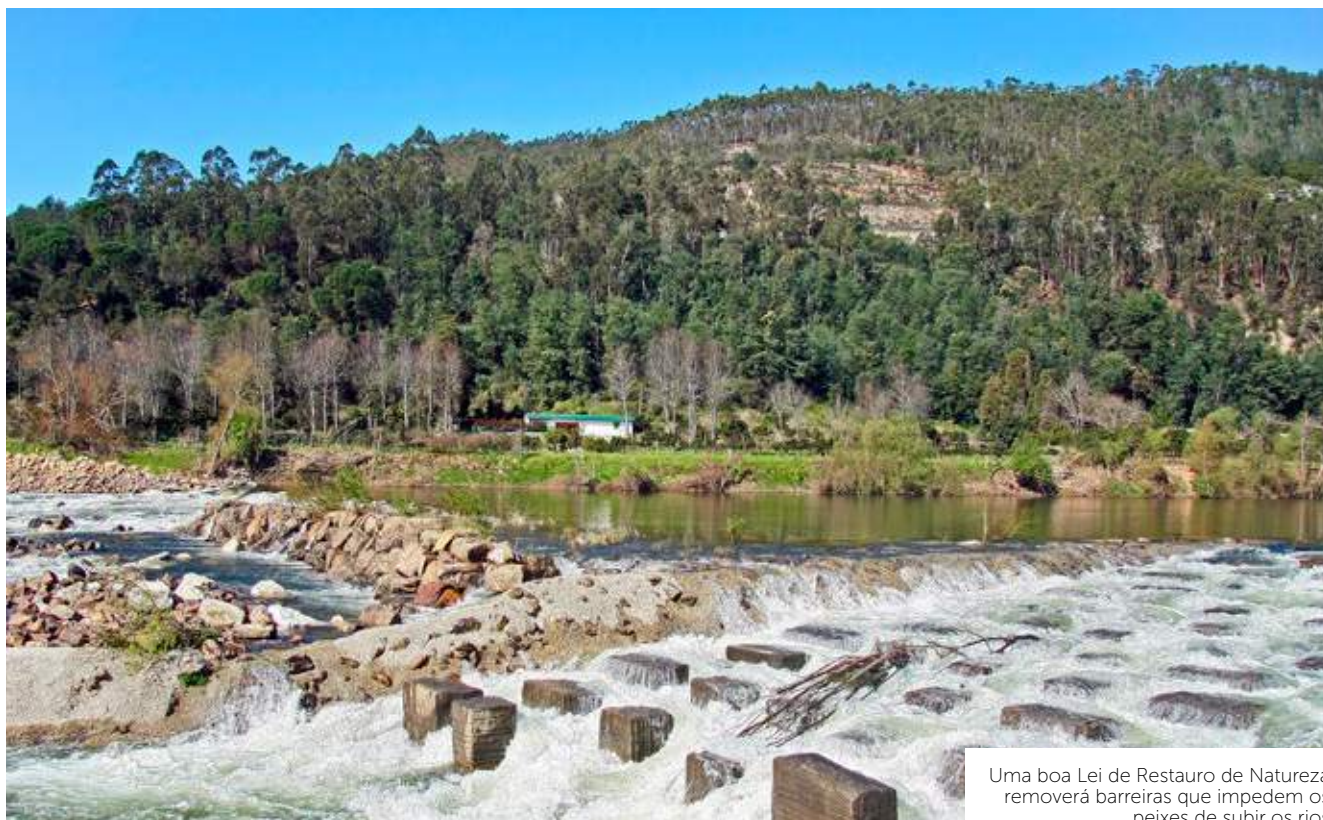
Rios e cursos de água

No que toca aos nossos rios, uma Lei de Restauro da Natureza eficaz poderia ser o ímpeto para se enfrentar a realidade: “Uma barragem num cenário de alterações climáticas tem uma utilidade extremamente reduzida, e é altamente prejudicial”, explica Domingos Leitão. Pode parecer con-

tra-intuitivo, e vai certamente contra o que tem sido defendido em Portugal, mas as evidências são tais que noutros países da Europa e da América já começaram a ser demolidas barragens. Num regime de chuvas cada vez mais torrenciais, como se prevê em consequência das alterações climáticas, a barragem pode encher rapidamente num ano muito chuvoso, mas essa água irá arrastar consigo sedimentos, que ficam retidos no fundo da barragem. O impacto é duplamente negativo. Por um lado, esses sedimentos nunca vão chegar à costa, diminuindo a capacidade de a costa suportar a subida do nível do mar. Por outro, com a acumulação sucessiva de chuvas, os sedimentos vão acumular-se no fundo da barragem. “Portanto nem temos proteção da orla costeira, nem temos armazenamento de água – porque a barragem está cheia de sedimentos – nem temos o rio a funcionar” remata Domingos Leitão.



Restaurar as Ilhas Barreira da Ria Formosa é salvaguardar o turismo e a o futuro das pescas
Fábio Marcelino



Uma boa Lei de Restauro de Natureza removerá barreiras que impedem os peixes de subir os rios
Vitor Oliveira



“Ninguém vai ficar multimilionário, mas muita gente vai beneficiar, e por muito tempo. Sustentabilidade é isto.”

Uma boa Lei de Restauro de Natureza lidará também com outro problema posto pelas barragens e açudes: o seu efeito de barreira. Um exemplo dos benefícios que daí poderiam advir chega-nos do Mondego. Ali, foram restauradas passagens em açudes e barragens, para permitir que os peixes subam o rio sem ficarem retidos face a estas paredes intransponíveis. Foram ainda restauradas as margens do rio. Graças a esta intervenção, peixes migradores como o sável e a lampreia (que precisam de subir os rios para se reproduzir) usam agora 60km de rio, em vez dos 15km a que tinham ficado limitados. Como resultado, a quantidade destes peixes aumentou subs-

tancialmente: atualmente, em anos bons, 20 mil lampreias chegam a subir o Mondego. Um sucesso ecológico, sem dúvida, mas também económico, já que a lampreia é um dos peixes mais valorizados na economia sazonal turístico-gastronómica da região.

Como diz Domingos Leitão, exemplos como a lampreia do Mondego ou as Terras do Priolo mostram o que o restauro da Natureza pode fazer pelo nosso futuro:

“Ninguém vai ficar multimilionário, mas muita gente vai beneficiar, e por muito tempo. Sustentabilidade é isto.” ■

Exija uma Lei de Restauro de Natureza forte

FAÇA-O JÁ EM:
www.restorenature.spea.pt

Autora | Sonia Neves
SPEA

TESTEMUNHO

“Não quero ficar a ver o mundo da janela”

Como muitos de nós durante o confinamento de 2020, Cátia Gouveia, coordenadora da SPEA Madeira, sentiu profundamente a falta da Natureza. Mas longe de a deitar abaixo, esse vazio galvanizou-a para a ação, como nos conta na 1ª pessoa.

Imagine um mundo a preto e branco... em que não consegue sentir a maresia a acariciar-lhe a cara... não consegue ouvir as gotas da chuva a pingar nas folhas... não consegue sentir o solo húmido debaixo dos seus pés... Um mundo sem árvores... sem flores... sem aves a cantar... nem sequer o simples zunido de uma abelha... Em 2020, de repente o meu mundo parecia assim. Vazio.

Forçada a olhar o mundo da minha janela, restava-me fechar os olhos e recordar as montanhas deslumbrantes desta ilha onde, desde os meus tempos de miúda de trancinhas deambulava por quilómetros de trilhos na pristina floresta Laurissilva, sentindo a sorte de partilhar este lar com seres como o majestoso fura-bardos, o elegante pombo-da-madeira, e o irrequieto bis-bis... À janela, de olhos fechados, via com os olhos da memória o voo majestoso das águias... Sonhava ouvir a água a correr ao longo dos ribeiros com as lavadeiras a saltitar pelas rochas em busca de insetos distraídos...



Cátia Gouveia
Cátia Gouveia





Cátia a colocar uma anilha numa ave
Tiago Dias



Para monitorizar ninhos de aves marinhas, a Cátia tem de descer escarpas
Tiago Dias

Desta mesma janela, e mesmo enquanto o futuro parecia ainda nebuloso, jurei à Cátia das trancinhas que não iria ficar-me pelas recordações. Que faria tudo para impedir que este vazio expandisse, porque me recuso a imaginar um mundo sem Natureza. Esteja fechada em casa, a monitorizar ninhos ou a reunir com políticos, é isso que faço na SPEA. Porque a minha missão, a nossa missão, está mais viva do que nunca. Temos de contribuir para um mundo melhor: temos de proteger e preservar todas estas paisagens, todos estes habitats, todas as aves encantadoras que partilham o mundo connosco e que têm um papel crucial neste ecossistema.

2020 obrigou-nos a pôr a vida em espera, e desconfio que todos esboçámos resoluções que queremos... que temos de cumprir!

Cátia Gouveia

COORDENADORA
SPEA MADEIRA

Licenciada em Biologia pela Universidade dos Açores e Mestre em Ciência e Sistemas de Informação Geográfica pela Universidade NOVA de Lisboa, a Cátia sempre se interessou pela avifauna da Macaronésia. Certo dia, encontrou uma ficha de inscrição de sócio num livro perdido, e juntou-se ao bando da SPEA. Na altura, estava longe de imaginar que viria a ser voluntária, estagiária e, a 5 de maio de 2009, tornar-se técnica de conservação nesta organização. Ao longo do percurso, de jovem apaixonada pela natureza a coordenadora da SPEA Madeira, nunca perdeu a sede indomável de mudar o mundo, que hoje põe em prática gerindo vários projetos para proteger as aves deste arquipélago e motivando todos em seu redor para tomarem um papel ativo na defesa do ambiente.

Pessoalmente, não quero ficar a ver o mundo da janela; quero estar presente, quero ser parte da solução. Junta-se a mim? ■

Autora | Cátia Gouveia
SPEA

O seu IRS pode ajudar a Cátia a cumprir a promessa que fez ao seu "eu" mais novo.

Ao consignar à SPEA 0,5% do IRS que o Estado lhe retém, dá-nos capacidade para combater crimes e atentados ambientais, lutar por políticas verdadeiramente sustentáveis, e criar refúgios para aves ameaçadas.

SAIBA MAIS EM
www.spea.pt/campanhas/consignacao-irs-spea/

BIRDWATCHING

3 sítios secretos para ver aves na região de Lisboa



Alfaiate, uma das aves mais icônicas de Alcochete

Diogo Oliveira

Quando se passa anos a observar aves em determinada região, vão-se descobrindo sítios “secretos”: locais que poucos conhecem, ou que surpreendem pelas oportunidades de observação que proporcionam. Domingos Leitão, Diretor Executivo da SPEA, e um dos autores do guia *Onde observar aves na região de Lisboa*, partilha três dos seus sítios secretos em redor da capital.

Passeio marítimo de Alcochete

Nesta vila às portas do Tejo, nem é preciso sair da matriz urbana para ver centenas de aves. O passeio marítimo de Alcochete constitui uma excelente forma de ter acesso às aves do estuário a partir da parte antiga da vila. Na maré vazia, de qualquer ponto do passeio poderá observar centenas de limícolas em alimentação, entre as quais o alfaiate (*Recurvirostra avosetta*), a tarabola-cinzenta (*Pluvialis squatarola*), o borrelho-grande-de-coleira (*Charadrius hiaticula*), o borrelho-de-coleira-interrompida (*Charadrius alexandrinus*), o maçarico-galego (*Numenius phaeopus*), o maçarico-real (*Numenius arquata*), o fuselo (*Limosa lapponica*), o milherango (ou maçarico-de-bico-

-direito, *Limosa limosa*), a rola-do-mar (*Arenaria interpres*), o pilrito-de-peito-preto (*Calidris alpina*), o maçarico-das-rochas (*Actitis hypoleucos*), o perna-verde (*Tringa nebularia*) e o perna-vermelha (*Tringa tetanus*). A partir do antigo cais do vapor, que entra mais dentro das extensas áreas de vasa do estuário, é possível ver espécies como o flamingo-comum (*Phoenicopterus roseus*), o colhereiro (*Platalea leucorodia*) ou o corvo-marinho (*Phalacrocorax carbo*).

Para além da vila, toda a frente ribeirinha do concelho de Alcochete é excelente para a observação de aves, com parte a constituir o limite da Reserva Natural do Estuário do Tejo enquanto outra parte está incluída na Zona de Proteção Especial do mes-

mo estuário. Particularmente interessantes são as Salinas do Samouco: o maior complexo de salinas do estuário do Tejo, com mais de 400ha de reservatórios, tanques e canais. Este paraíso para as aves aquáticas, em particular limícolas, encontra-se totalmente protegido e dedicado à conservação da Natureza, como compensação pela construção da Ponte Vasco da Gama em 1998. A entrada é paga mas a visita vale a pena, dando acesso ao centro de visitantes, vários trilhos e observatórios de aves, e uma salina-museu. Imediatamente antes da entrada nas Salinas do Samouco, fica a salina do Brito: um local onde é um espetáculo assistir à subida de maré, quando milhares de aves passam por cima da nossa cabeça e procuram refúgio nos tanques.

Outro ponto estratégico para descobrir as aves do estuário é o parque de merendas das Hortas. A partir desse ponto, podem-se observar as lamas durante a baixa-mar, e até onde os binóculos alcançarem veem-se milhares de tadornas (*Tadorna tadorna*), patos-colhereiros, piadeiras (*Anas penelope*), arrábios (*Anas acuta*), patos-reais (*Anas platyrhynchos*), marrequinhas (*Anas crecca*), flamingos-comuns, alfaiates, tarambolas-cinzentas, milherangos e pernas-vermelhas-comuns. Mais perto da margem podem ver-se limícolas mais pequenas, bem como garajaus-grandes (*Hydroprogne caspia*) e garajaus-de-bico-preto (*Thalasseus sandvicensis*). De quando em vez, todas estas aves levantam voo, assustadas por uma águia-pesqueira (*Pandion haliaetus*), uma águia-sapeira (ou tartaranhão-ruivo-dos-pauis, *Circus*

aeruginosus), ou um falcão-peregrino (*Falco peregrinus*).

Paul de Manique

Este é um segredo surpreendente: um paul praticamente dentro de uma vila. Localizada junto a Manique do Intendente, esta zona húmida foi negligenciada durante muito tempo, mas um grupo de cidadãos conseguiu demonstrar junto da autarquia da Azambuja a importância natural do espaço e o seu valor educacional e de lazer. Como resultado, a câmara municipal desenvolveu um projeto de requalificação, que dotou o espaço dos trilhos, passadiços e observatório de aves de que hoje podemos desfrutar.

O paul estende-se a norte e sul da ribeira do Judeu: duas zonas distintas separadas por um grupo de choupos

onde pode ver e escutar facilmente o papa-figos (*Oriolus oriolus*), uma espécie rara na região. A zona norte alberga durante todo o ano uma grande diversidade de aves aquáticas, que podem ser observadas a partir do observatório. Deste ponto privilegiado poderá avistar camão (*Porphyrio porphyrio*), garçote (*Ixobrychus minutus*), papa-ratos (*Ardeola ralloides*), garça-vermelha (*Ardea purpurea*), garça-branca-grande (*Ardea alba*) e águia-sapeira bem como espécies mais abundantes como o pato-colhereiro (*Spatula clypeata*), o mergulhão-pequeno (*Tachybaptus dominicus*), o abibe (*Vanellus vanellus*) e o guardariños (*Alcedo atthis*). Já uma visita à zona sul do paul irá certamente revelar a presença do peneireiro-cinzento (*Elanus caeruleus*), da águia-calçada (*Aquila pennata*) ou do abelharuco (*Merops apiaster*).



Paul de Manique
Domingos Leitão | SPEA



Papa-figos
José Luis Barros



Camão
José Luis Barros



O canhão da Ota alberga uma variedade de aves florestais, além das rapinas
CM Alenquer



Corvo
José Luis Barros



Chapim-de-poupa
Caroline Legg

Canhão da Ota

Este desfiladeiro apertado e rochoso resulta do encaixe do curso do rio Ota no maciço calcário que deu origem à serra com o mesmo nome. Classificado como Monumento Natural de interesse regional, este é um local bastante favorável para aves de rapina diurnas e noturnas, e para aves florestais e rupícolas (associadas a escarpas rochosas). Uma visita a meio da manhã (quando se começam a formar correntes térmicas ascendentes), fazendo o trajeto com início na aldeia da Ota e parando nos promontórios sobre o desfiladeiro, permitirá a observação de espécies como a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), a águia-calçada, o gavião (*Accipiter nisus*), o milhafre-preto (*Milvus migrans*), a águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) ou o peneireiro (*Falco tinnunculus*). Com um pouco de sorte, poderá avistar o discreto açor (*Accipiter gentilis*) ou o corvo (*Corvus corax*), que é um predador e necrófago raro na região.

Uma visita noturna constituirá uma boa oportunidade para escutar os im-

pressionantes chamamentos do bufo-real (*Bubo bubo*) e da coruja-do-mato (*Strix aluco*) e, eventualmente, de outras aves noturnas como o noitibó-cinzento (*Caprimulgus europaeus*).

Mas nem só de aves de rapina vive o canhão da Ota. Durante a primavera o céu está sempre cheio de bandos de abelharucos, andorinhões-pálidos (*Apus pallidus*), andorinhões-pretos (*Apus apus*), andorinhas-dos-beirais (*Delichon urbicum*), andorinhas-dáuricas (*Cecropis daurica*), andorinhas-das-chaminés (*Hirundo rustica*) e andorinhas-das-rochas (*Ptyonoprogne rupestris*). Também a diversidade de aves florestais é enorme, particularmente na vertente sul do canhão, onde o coberto arbóreo é mais diverso. O percurso pedestre que parte do parque de merendas e segue pela floresta permite observar o pombo-torcaz (*Columba palumbus*), a rola-brava (*Streptopelia turtur*), o peto-real (*Picus viridis*), o picapau-malhado (*Dendrocopos major*), o chapim-carvoeiro (*Periparus ater*), o chapim-de-poupa (*Lophophanes cristatus*), a felosinha-ibérica (*Phylloscopus*

ibericus), o chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*), a toutinegra-do-mato (*Curruca undata*), a trepadeira-do-sul (*Certhia brachydactyla*), a trepadeira-azul (*Sitta europaea*), a estrelinha-real (*Regulus ignicapilla*), o tentilhão-comum (*Fringilla coelebs*) ou a escrevedeira-de-garganta-preta (*Emberiza cirulus*).

Preste ainda atenção às zonas rochosas naturais e às pedreiras, onde podem ser observados o rabirruivo-comum (*Phoenicurus ochruros*) e o belíssimo melro-azul (*Monticola solitarius*).

No seu próximo passeio na zona de Lisboa, aproveite para explorar um destes sítios secretos. Garantimos que não se irá arrepender. ■



ADAPTADO DE:
Guia Onde
Observar Aves na
Região de Lisboa

COMPREM:
 www.spea.pt/loja

IDENTIFICAÇÃO DE AVES

Escrevedeiras

Parte II - visitantes de verão e inverno

Nesta edição apresentamos quatro espécies de escrevedeira cuja observação depende do calendário: cada uma delas pode ser observada, em Portugal, numa época específica do ano, não estando presentes ou sendo mais difíceis de encontrar no resto do ano.

Escrevedeira-dos-caniços

Emberiza schoeniclus

- Ocorre sobretudo de outubro a março, rara durante a reprodução
- Pequena população nidificante no Norte e no Centro do território
- Frequenta zonas de vegetação ripícola densa (por ex. caniçais)
- Fêmea tem cabeça com menos contraste, bigode e garganta brancos

Escrevedeira-amarela

Emberiza citrinella

- Abril a julho é o melhor período para observação
- Locais de reprodução situam-se no extremo norte do país
- Campos de cultivo, lameiros e prados de altitude, com sebes ou matos dispersos
- Fêmea é menos amarela que o macho

Sombria

Emberiza hortulana

- Maio a julho é o melhor período para observação
- Zonas montanhosas do interior Norte e Centro do país
- Nidifica sobretudo em altitude, em áreas de pastagem alternada com manchas arbustivas, rochedos e árvores dispersas.
- Fêmea é menos garrida e tem padrão da cabeça menos nítido

Escrevedeira-das-neves

Plectrophenax nivalis

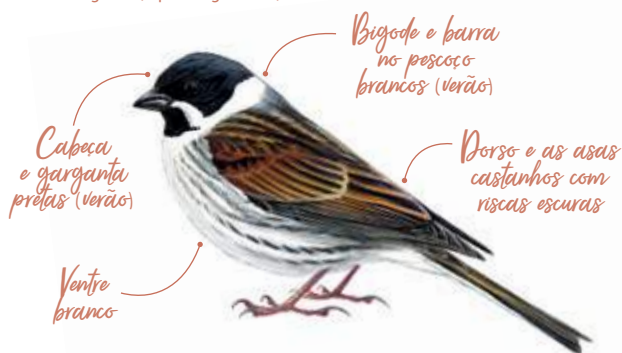
- Ocorre sobretudo de outubro a março
- De norte a sul do país, maior incidência junto à faixa costeira
- Diversidade de habitats, desde serras a praias com dunas ou promontórios

Autores | Mónica Costa e Hugo Sampaio

SPEA

Escrevedeira-dos-caniços

© Mike Langman (rsfb.images.com)



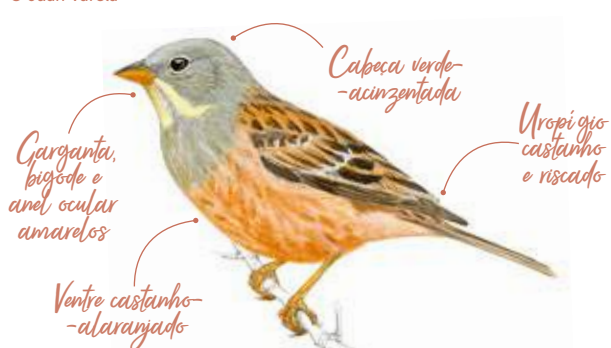
Escrevedeira-amarela

© Juan Varela



Sombria

© Juan Varela



Escrevedeira-das-neves

© Mike Langman (rsfb.images.com)



A Spea responde

Autores | Sonia Neves & Hany Alonso
SPEA

Este ano parece que vejo menos andorinhas a chegar. O que se passa? Será das alterações climáticas?

Já há algum tempo que os cientistas têm vindo a procurar ligações entre as alterações climáticas e o comportamento migratório não só das andorinhas como de outras aves. No entanto, para determinar isso de forma fidedigna, são necessários estudos de longo-prazo (leia-se décadas) com metodologias de recolha de dados consistentes e livres de enviesamentos, e também uma visão holística dos movimentos migratórios e dos fatores que os condicionam.

Posto isto, para alguns migradores de longa-distância têm-se verificado mudanças significativas nos tempos de chegada aos locais de nidificação, frequentemente associadas aos impactos das alterações climáticas nesses locais (por exemplo temperaturas mais altas, alterações temporais na abundância de insetos e flores). Ao mesmo tempo, também se tem percebido que há outros fatores que influenciam muitíssimo os timings da migração, nomeadamente as condições climáticas (como os níveis de precipitação) e de abundância de alimento nas áreas de invernada. Estes fatores, que podem

ser também consequência das alterações climáticas, são determinantes nas datas de partida das aves, explicando que as datas de chegada das andorinhas a Portugal possam variar muito de ano para ano, independentemente de qualquer tendência de longo-prazo a nível da população. Por exemplo, os dados do PortugalAves/eBird mostram que em 2016 as andorinhas chegaram mais cedo (logo em janeiro), ao passo que em 2018 chegaram mais tarde do que o habitual (já em março).

Em geral, os dados do Censo de Aves Comuns indicam que, entre 2004 e 2022, as populações de andorinha-dos-beirais têm estado estáveis em

Portugal, apesar de os dados a nível europeu indicarem um declínio moderado entre 1980 e 2021. A andorinha-dáurica, pelo contrário, apresenta um aumento moderado no nosso país (18% entre 2004 e 2022). Já a andorinha-das-chaminés está em declínio moderado tanto a nível europeu como em Portugal, onde a população diminuiu 36% entre 2004 e 2022.

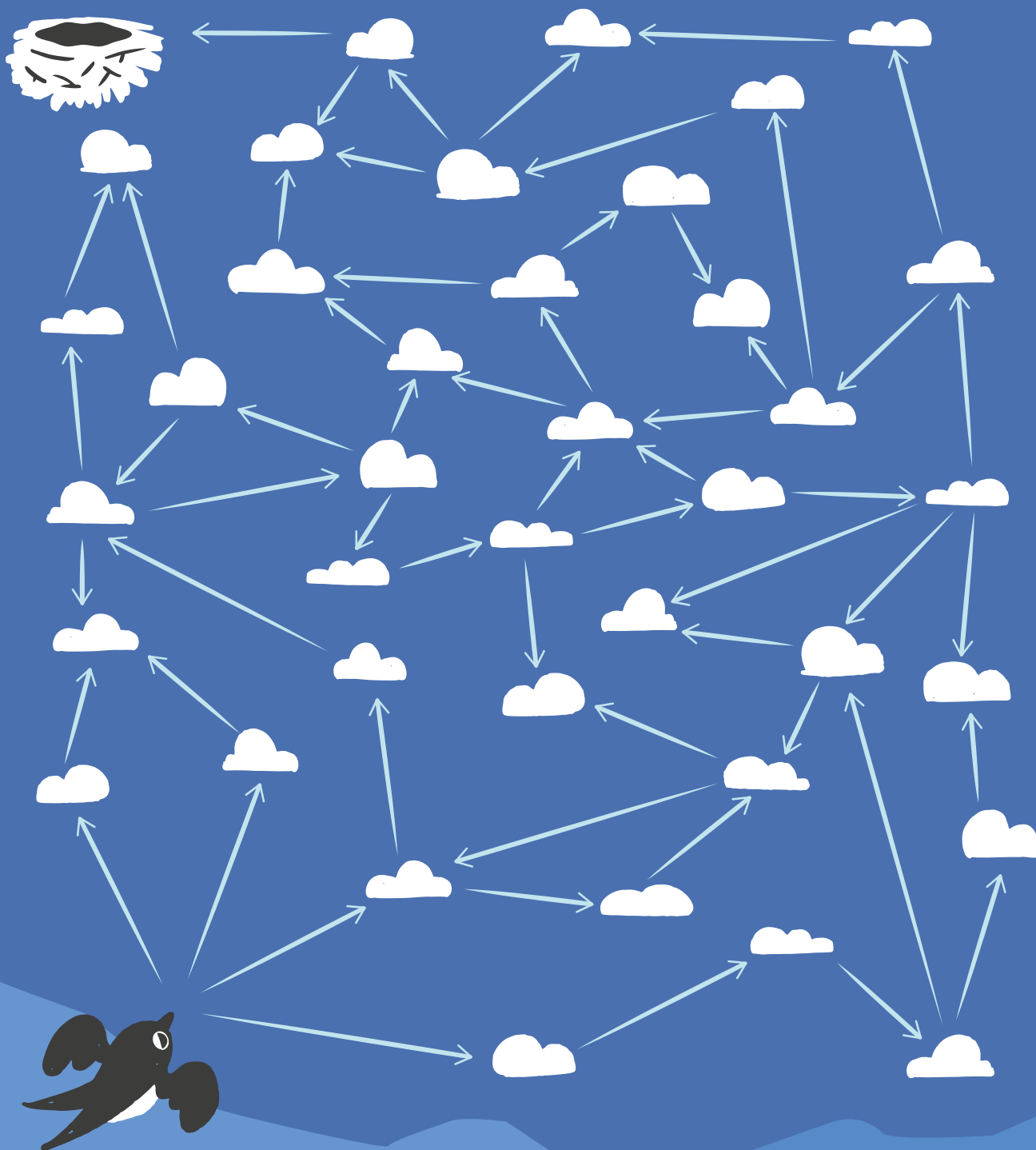
Saiba mais sobre o Censo de Aves Comuns e como as suas observações podem contribuir para este conhecimento:

SAIBA MAIS EM
 www.spea.pt/censos/censo-aves-comuns

PÁSSARO-TEMPO 1

Todas as primaveras, as andorinhas regressam a Portugal, depois de passarem o inverno em África: uma viagem de milhares de quilómetros! Quais são os ventos que vão ajudar esta andorinha a chegar rapidamente ao nosso país?

Por Sonia Neves (texto) e Frederico Arruda (ilustração)



PÁSSARO-TEMPO 2

Existem muitos sítios como este que perderam a Natureza. Esta paisagem precisa de mais vida. Restaura a Natureza deste lugar, desenhando plantas, insetos, animais e o que mais achares que faz falta.

Por Sonia Neves (texto) e Frederico Arruda (ilustração)



No seu IRS dê voz à Natureza

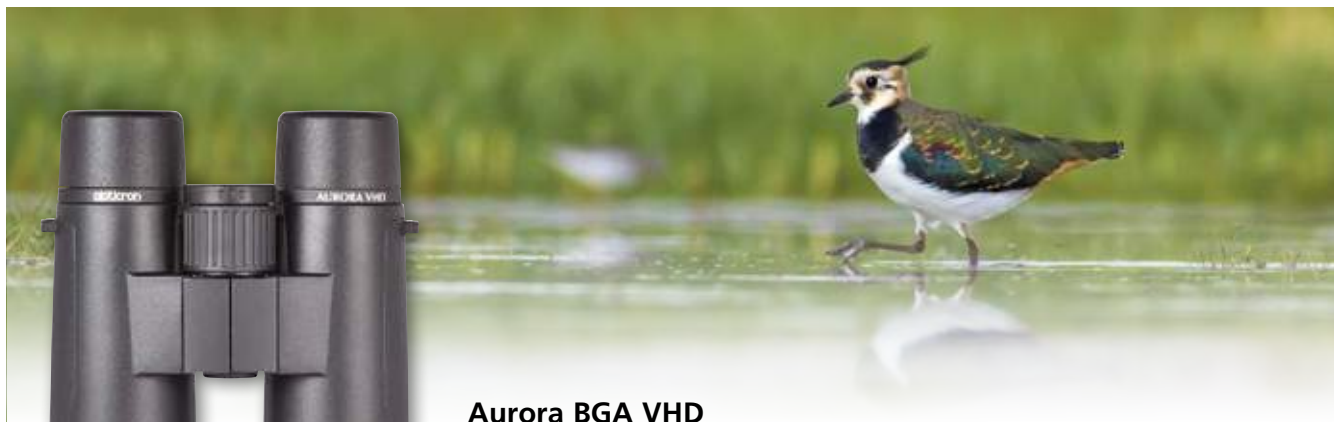
A si não lhe custa nada.
Para a proteção
da natureza é uma
ajuda preciosa.

**ATRIBUA GRATUITAMENTE
0,5% DO SEU IRS À SPEA**

☒ 503 091 707 NIF SPEA


Sociedade Portuguesa
para o Estudo das Aves





Aurora BGA VHD

Uma nova plataforma e sistema óptico, acreditamos que o Aurora BGA VHD é um dos melhores binóculos profissionais, leves e disponíveis por menos de 1.500 euros. 30 anos de garantia.

Modelos **8x42**, **10x42**. Preços desde €1049



DBA VHD+
desde €779



Imagic IS
desde €749



Verano BGA VHD
desde €529



Traveller BGA ED
desde €495



Natura BGA ED
desde €495



MM4 77 GA ED Fieldscope

O MM4 77 GA ED oferece um desempenho óptico de 80 mm de alta definição com uma faixa de ampliação de 18x-54x num corpo que pesa 1260 g e mede 320 mm de comprimento. 30 anos de garantia.

MM4 77 GA ED €909

Oculares: HDF T 18-54x €295, SDLv3 18-54x €449

Bolsa protetora desde €85

MM4 50/60 GA ED Travelscope

Projetados no Reino Unido e fabricados no Japão, os Travelsopes MM4 50 GA ED e MM4 60 GA ED oferecem qualidade superior, transmissão de luz e resolução. Embora muito compactos e leves, são também blindados com borracha e à prova de água. 30 anos de garantia.

MM4 50 GA ED €479, MM4 60 GA ED €609

Oculares: HDF T 12-36x/15-45x €295, SDLv3 12-36x/15-45x €449

Bolsa protetora desde €85